

APÊNDICE II

Fichas de Espécies Prioritárias para Proteção



AVIFAUNA



RABO-DE-PALHA-DE-BICO-LARANJA

Phaethon lepturus

Aves marinhas pelágicas (Phaethontiformes: Phaethontidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

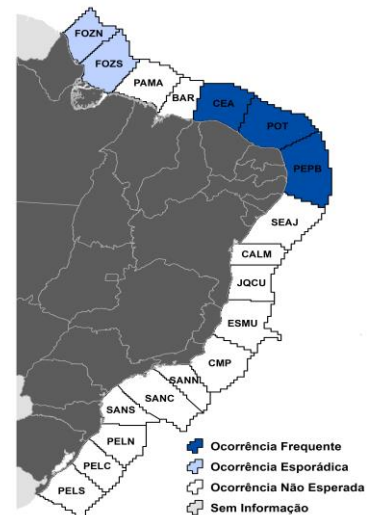
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 70 a 80 cm. Massa corpórea: 300 a 400 g. Bico amarelo-esverdeado, dorso branco, primárias negras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, nidifica em ilhas oceânicas e com frequência se aproxima da costa. Pode chegar às praias muito debilitado. Comumente visto sozinho, mas podem formar grupos numerosos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Monogâmico, nidifica em ilhas oceânicas. O único ovo é colocado em cavidades em escarpas, diretamente sobre o substrato. A incubação dura cerca de 44 dias e o filhote é cuidado pelos pais por cerca de três meses.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em algumas dezenas de milhares de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. É uma ave que pode trazer complicações no manejo, pois não está habituada a permanecer no solo. Possui tarsos curtos e pés muito pequenos. Não oferece qualquer risco às equipes de fauna.



RABO-DE-PALHA-DE-BICO-LARANJA

Phaethon lepturus

Aves marinhas pelágicas (Phaethontiformes: Phaethontidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:

| | |
|--|---------------------------------|
| | Ocorrência frequente |
| | Ocorrência irregular/esporádica |
| | Ocorrência não esperada |
| | Sem informação sobre ocorrência |

| | |
|--|------------------------------------|
| | Animais em reprodução |
| | Animais em reprodução (esporádica) |
| | Sem informações |

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



ALBATROZ-DE-NARIZ-AMARELO

Thalassarche chlororhynchos

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Média

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

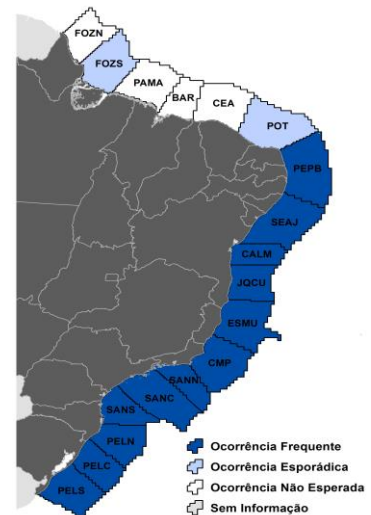
Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Ignacio Moreno/UFRGS



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 80 cm. Massa corpórea variando entre 1700 e 2900 g. Padrão de coloração do bico diagnóstico, sendo negro com o culmen amarelo, se tornando mais intenso em direção à ponta, e por isso não pode ser confundido com nenhuma outra espécie de albatroz que ocorre no Brasil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho, pelágico e raramente chegando à costa. Geralmente chegam às praias já bastante debilitados. Preferem águas mais temperadas do que os demais albatrozes, e pode chegar até o Suriname. É comum no sul e sudeste do Brasil, mas também ocorre no nordeste e norte do Brasil. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes, e sofre um declínio continuado graças à pesca com espinhel.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e de lulas, que formam a base da sua dieta.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Os primeiros indivíduos começam a chegar em águas brasileiras, principalmente no sul e sudeste, entre abril e agosto. Entretanto, alguns indivíduos permanecem em águas brasileiras durante todo o ano.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção. A população mundial sofreu um declínio brutal nas últimas décadas, decaindo de quase 200.000 aves para pouco mais de 30.000 indivíduos. Severamente afetada pela pesca incidental e, nas colônias reprodutivas, por ataque de ratos domésticos aos ovos e filhotes.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



ALBATROZ-DE-NARIZ-AMARELO

Thalassarche chlororhynchos

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Vulnerável

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Em Perigo

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



PARDELA-PRETA

Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



Ignacio Moreno/UFRGS



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea variando entre 1100 e 1500 g. Plumagem negra ou negra-amarronzada uniforme, exceto pela base da mandíbula, que é branca. Bico amarelado ou córneo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágica, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir, em uma série de ilhas subantárticas. Não costuma se aproximar da costa; quando chegam às praias geralmente estão muito debilitadas. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Se reproduzem entre setembro e maio em ilhas subantárticas. Espécie registrada durante todo o ano em águas brasileiras, embora os registros sejam muito mais frequentes e numerosos entre junho e setembro.

POPULAÇÃO

É a espécie mais capturada pela frota pelágica brasileira, através de pesca incidental. As populações diminuíram drasticamente nas últimas décadas, mas a população global estimada gira em torno de sete milhões de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



PARDELA-PRETA

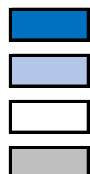
Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente

Ocorrência irregular/esporádica

Ocorrência não esperada

Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Vulnerável

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Vulnerável

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Vulnerável

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Vulnerável

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Vulnerável

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 700 e 1000 g. Bico negro, tarsos e pés rosados, plumagem uniforme marrom-escura ou cinza-escura, com uma mancha branca muito chamativa na superfície ventral das asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha, ocorrendo na plataforma continental e fora dela. Pode se aproximar da costa. Segue barcos de pesca e pode ser visto solitário ou em grandes bandos. Ocorre em todos os oceanos do mundo, sendo uma das aves marinhas mais comuns e abundantes. Migrante transequatorial, ocorrendo da Groenlândia à Antártica.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil e ocorre em águas brasileiras principalmente entre maio e janeiro, embora seja possível haver registros durante o ano todo, especialmente fora da plataforma continental.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em 20.000.000 de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo de aves desta família em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Quase Ameaçada

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



TRINTA-REÍIS-RÓSEO

Sterna dougallii

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

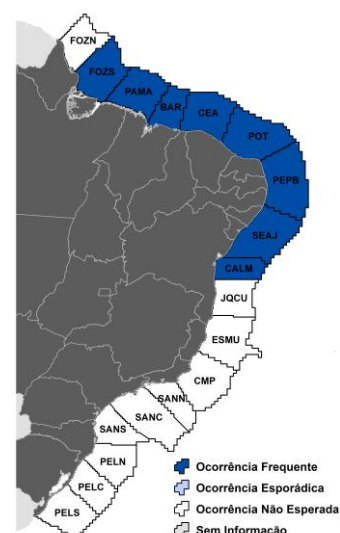
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 35 e 40 cm. Massa corpórea variando entre 90 e 130 g. Tarsos e pés vermelhos, bico negro, cauda longa, branca e bifurcada. Nas asas há coloração negra apenas nas 3 primárias mais externas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Migrante de inverno, pousa em praias expostas durante a maré baixa, às vezes razoavelmente distantes da praia, a qual também utilizam. Seguem barcos de pesca, e podem se congregam em grandes bandos, especialmente para dormir. Ocupa também estuários e se alimentam em alto-mar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, eventualmente pode consumir pequenos insetos e outros invertebrados marinhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

É uma espécie migratória e que não se reproduz no Brasil. As primeiras aves chegam no país por volta de agosto, mas muitos indivíduos não retornam, e a espécie conta com registros no país durante o ano todo.

POPULAÇÃO

As estimativas populacionais sugerem uma população de cerca de 100.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar delicada, e não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.



TRINTA-REÍIS-RÓSEO

Sterna dougallii

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Vulnerável

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



TRINTA-RÉIS-DE-BANDO

Thalasseus acuflavidus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Mats Wallin



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 45 cm. Massa corpórea variando entre 100 e 300 g. De médio porte, bico e pés amarelos, boné negro e plumagem branca. Dorso e asas cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Residente comum no Brasil, ocupa a costa, nas praias, mangues, estuários, costões, lajes, rochedos e ilhas próximas, de onde não se afasta muito. Pode ser vista em bandos de centenas a milhares de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, ocasionalmente consome filhotes de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Residente, nidifica em colônias mistas com outras andorinhas-do-mar do Espírito Santo a Santa Catarina. As colônias podem congrega milhares de aves, nidificando de maio a setembro. O ninho é apenas uma pequena depressão no solo, onde a fêmea coloca no máximo três ovos. A incubação dura em torno de 30 dias, e os filhotes são cuidados pelos pais (em sistema de creche) por cerca de 45 dias.

POPULAÇÃO

Não é considerada como ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar robusta, e precauções devem ser tomadas contra bicadas, que podem ser perigosas. Não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.



TRINTA-RÉIS-DE-BANDO

Thalasseus acufavidus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Ceará (CEA) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Potiguar (POT) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Campos (CMP) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Vulnerável

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Maurício Rueda



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 350 e 500 g. Bico laranja e pés negros. Uma das maiores espécies de andorinha-do-mar.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Parte da população é residente, parte é migratória. Podem se congregiar em bandos de centenas ou até milhares de indivíduos, habitando a costa, não utilizando águas interiores. Pode ser vista em praias, bancos de areia expostos durante a maré baixa, pedras expostas, lajes, lajedos, estuários, bancos de lama e manguezais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As aves residentes se reproduzem a partir de abril, se estendendo até dezembro. O ninho é muito simples, feito no solo. A fêmea geralmente coloca apenas um ovo, incubado por 30 dias. Os cuidados parentais são muito longos, e podem chegar a até oito meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie no Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar robusta, e precauções devem ser tomadas contra bicadas, que podem ser perigosas. Não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.



TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Ceará (CEA) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Potiguar (POT) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Campos (CMP) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Vulnerável

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Quase Ameaçada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Vulnerável

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



ATOBA-DE-PÉ-VERMELHO

Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Média

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

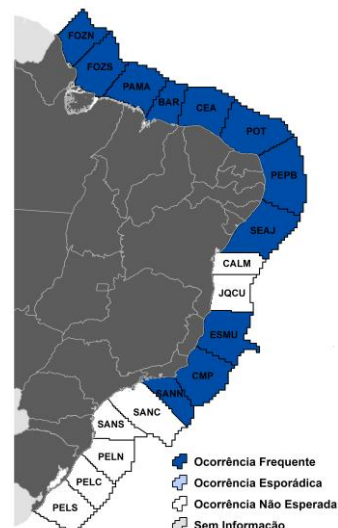
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 75 cm. Massa corpórea variando entre 900 e 1200 g. Inconfundível por ser o único atobá a apresentar os tarsos pés vermelhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágico, distribuído pela faixa tropical e subtropical de todos os oceanos do mundo. Nidifica em ilhas, distantes ou não da costa, mas necessita de vegetação (árvores ou arbustos), onde constrói o seu ninho. Eventualmente pode fazer a postura no solo. Vivem em grandes bandos e seguem barcos de pesca.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e lulas, pescados em grandes bandos que podem congregam muitas dezenas de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em ilhas e arquipélagos, como Fernando de Noronha. Necessita da presença de arbustos e árvores para construir o seu ninho, que é uma plataforma simples, feita de gravetos. Em alguns locais pode nidificar no solo, mas é muito menos frequente. A reprodução é concentrada entre setembro e abril, mas filhotes podem ser observados durante o ano todo. A postura é de apenas um ovo, chocado durante 45 dias. O filhote é cuidado pelos pais por quase cinco meses.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em mais de um milhão de aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

São aves resistentes e que podem ser mantidas em cativeiro sem maiores dificuldades, sendo alimentadas com peixes. Entretanto, são aves que pouco habituadas a se manterem no solo, e cuidados contra pododermatites devem ser observados. As bicadas podem ser perigosas e quem manipula as aves deve usar equipamentos de proteção individual.



ATOBA-DE-PÉ-VERMELHO

Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Em Perigo

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Não Listada



HERPETOFAUNA



TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

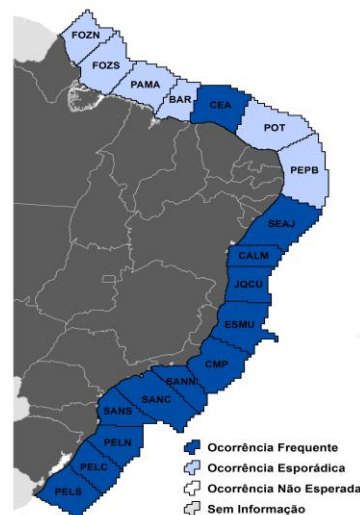
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 102.8 cm (até 136 cm). Massa corpórea: 100-180 kg (até 227 kg). A carapaça possui 5 pares de placas laterais justapostas, a coloração é marrom-amarelada e o ventre é amarelo claro. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. O tamanho da cabeça é grande e relativamente desproporcional ao corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita mares tropicais, subtropicais e temperados. No Brasil podem ser observados indivíduos em diferentes estágios de vida na costa de diversos estados entre o Pará e o Rio Grande do Sul, em áreas costeiras ou oceânicas. O sul do Brasil registra um maior número de enalhes de indivíduos juvenis/sub-adultos, o que indica que esta região pode ser uma importante área de alimentação para esta espécie. Indivíduos adultos, após deixarem as praias de desova, se deslocam ao longo da plataforma continental. Estudos de telemetria indicaram a existência de áreas de alimentação e descanso na região Norte, especialmente no litoral do Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Espécie carnívora durante toda a sua vida. Nos estágios iniciais e juvenil são epipelágicas e habitam zonas oceânicas, alimentando-se na superfície da água. Em estágios posteriores tornam-se neríticas e alimentam-se principalmente de invertebrados, crustáceos, moluscos e cnidários, e eventualmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As principais áreas de desova no Brasil estão localizadas em Sergipe e nas costas norte da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Áreas secundárias ocorrem no sul do Espírito Santo e Bahia. A temporada reprodutiva acontece de setembro a março, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente no período noturno, para depositarem em média 127 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 45-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 60.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo esta a espécie com maior número de desovas no Brasil, com 6800 ninhos ao longo da costa brasileira (temporada de 2008/09). Estudos reportam a tendência de aumento no número de ninhos em praias-índice na Bahia e no Espírito Santo, porém sem um entendimento completo do impacto deste aumento na dinâmica populacional da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Além da presença de fêmeas nas praias e zona costeira durante a temporada reprodutiva (de setembro a março), as praias também abrigam os ninhos e registram o nascimento de filhotes até meados de abril. Trata-se de uma espécie que se adapta bem ao cativeiro durante o período de reabilitação, podendo ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou lulas). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos.



TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)

Não Avaliada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Vulnerável

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Em Perigo

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 115.6 cm (até 143 cm). Massa corpórea: 230 kg (até 395 kg). Carapaça com 4 pares de placas laterais justapostas. Coloração verde-acinzentada nos adultos, com o ventre branco nas populações do Atlântico. Os filhotes possuem o dorso negro e o ventre branco. Cabeça com 1 par de placas (ou escudos) pré-frontais e 4 pares de escudos pós-orbitais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Águas tropicais e subtropicais continentais e insulares, incluindo costões rochosos, lajes, plataforma continental, talude continental e ambiente pelágico. As áreas de alimentação de juvenis desta espécie estão espalhadas ao longo de toda a costa brasileira e nas ilhas oceânicas. Por vezes pode adentrar estuários ou se concentrar em áreas industriais de descarga de água quente. Não são gregários, mas podem concentrar-se em algumas áreas devido à abundância de alimento.

ALIMENTAÇÃO

Nos estágios iniciais de vida são onívoras. Juvenis e adultos são herbívoros, alimentando-se principalmente de algas e outros vegetais marinhos. Ingerem involuntariamente pequenos invertebrados associados às algas ("phytal"), sendo também oportunistas ao se alimentarem de descarte de pescados e outros organismos mortos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Principais áreas de desova no Brasil são as ilhas oceânicas: Ilha da Trindade/ES, Atol das Rocas/RN e Fernando de Noronha/PE. Na costa brasileira, áreas de desova secundárias ocorrem no litoral norte da Bahia e esporadicamente em Sergipe, Espírito Santo e Rio Grande do Norte. A temporada reprodutiva acontece entre dezembro e junho, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente durante a noite, para depositarem uma média de 122-125 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 203.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, e acredita-se que a população global esteja em declínio, embora alguns lugares apresentem sinais de recuperação com um aumento gradual no número de desovas. No Brasil, os principais sítios reprodutivos são as ilhas oceânicas, que registram em média 3600 (Trindade), 400 (Atol das Rocas), e 50-100 (Fernando de Noronha) ninhos por ano. No continente esse número varia entre 20 e 70 ninhos por ano.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta (filhotes e juvenis) e verduras escuras (juvenis e adultos). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Espécie altamente suscetível à fibropapilomatose, doença transmissível que leva à formação de tumores de pele que podem levar à cegueira ou inanição.



TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ⊙ | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ⊙ | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ⊙ | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Vulnerável

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)

Não Avaliada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Vulnerável

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Vulnerável

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Vulnerável

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

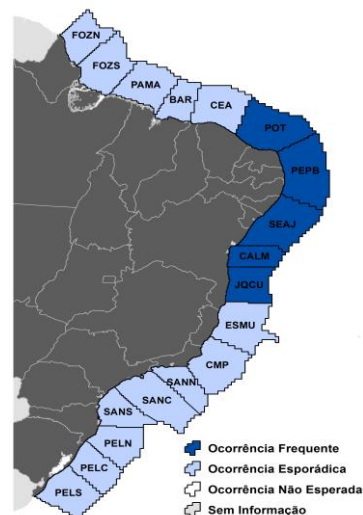
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 76.8 a 97.4 cm (até 114 cm). Massa corpórea: 80 kg (até 150 kg). A carapaça possui 4 pares de placas laterais sobrepostas, de coloração marrom. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares de pós-orbitais. O ventre é amarelo claro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita águas tropicais e com menor frequência águas subtropicais. Os juvenis distribuem-se na zona costeira nos litorais Norte-Nordeste do Brasil e, com menor frequência no Sul-Sudeste. As principais áreas de alimentação conhecidas são as ilhas oceânicas de Fernando de Noronha/PE e Atol das Rocas/RN. Além destas, o banco de Abrolhos/BA e a Ilha do Arvoredo/SC podem ser importantes áreas de alimentação para esta espécie. Estudos de monitoramento por satélite revelam que, após o período reprodutivo, fêmeas adultas migram próximas à costa entre o sul da Bahia e áreas de alimentação no Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são carnívoros, predando principalmente invertebrados e concentrando-se em recifes de corais. Além disso, possui hábito bastante especializado de predação esponjas marinhas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os principais sítios reprodutivos estão localizados no norte da Bahia, em Sergipe, e em Pipa, Rio Grande do Norte. A temporada de reprodução concentra-se principalmente de novembro a março nas praias da Bahia e Sergipe, enquanto em Pipa, Rio Grande do Norte, se estende até abril. A desova é geralmente noturna e as fêmeas depositam em média 120-130 ovos, os quais são incubados pelo calor do sol e temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. Uma tendência de aumento considerável no número de ninhos nas praias de desova localizadas na Bahia, Sergipe e em Pipa/RN foi reportada em anos recentes (temporadas 1991/92 a 2005/06). As áreas de desova brasileiras registram cerca de 1.900 ninhos por temporada, sendo 80% no norte da Bahia e em Sergipe e 20% em Pipa/RN.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou outros). Ocasionalmente podem apresentar epibiontes (algas, cracas, etc.) na carapaça e plastra, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Placas da carapaça podem formar bordos e pontas cortantes, devendo ser manuseadas com cuidado para evitar cortes.



TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | | | | | | ○ | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | | | | | | ○ | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | | | | | | ○ | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ● | | | | | | ○ | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ● | | | | | | ○ | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Criticamente em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Criticamente em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)

Não Avaliada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Em Perigo

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Em Perigo

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Criticamente em Perigo

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Criticamente em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

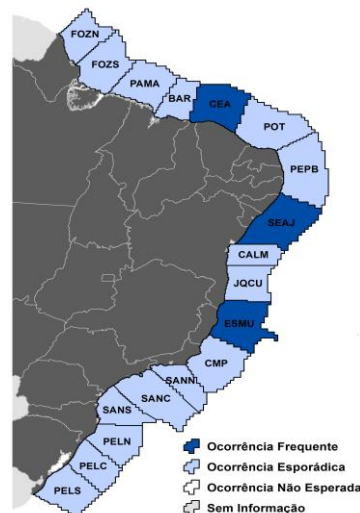
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEL

Média



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 73 cm (até 82 cm). Massa corpórea: 40 a 50 kg (até 60 kg). A carapaça possui de 5 a 9 pares (normalmente 6 pares) de placas laterais, geralmente assimétricas. A coloração dorsal é verde oliva e o ventre é amarelo claro. Cabeça com 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. É a menor dentre as espécies de tartarugas marinhas em águas brasileiras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Têm ampla distribuição pelas bacias oceânicas tropicais e subtropicais. Podem ser encontradas em ambientes pelágicos e costeiros, também em zonas estuarinas no nordeste do Brasil. Os estudos de telemetria indicam deslocamentos costeiros desde o Espírito Santo até o Pará, além de deslocamentos para regiões do Atlântico Equatorial.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são onívoros e podem utilizar áreas bastante distintas para se alimentar (zonas pelágicas ou neríticas). Por isso, apresentam uma alimentação bastante diversificada, provavelmente associada ao fundo, incluindo crustáceos, moluscos, peixes, briozoários e algas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A principal área de reprodução no Brasil compreende a região entre o litoral sul de Alagoas e o litoral norte da Bahia, com maior densidade de desovas no estado de Sergipe. O Espírito Santo é uma área secundária de desova. A temporada reprodutiva acontece entre setembro e março. A desova é solitária e geralmente noturna. Em cada ninho são depositados cerca de 100 ovos, sendo que podem depositar entre 1 a 3 ninhos a cada temporada reprodutiva, com intervalos de aproximadamente 22 dias entre posturas. Os ovos são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 800.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo que a população global está em declínio. Em Sergipe e na Bahia há registro de aumento significativo no número de ninhos a cada ano (temporadas de 1991/92 a 2002/03). Estima-se que existam cerca de 6710 ninhos da espécie no litoral brasileiro, incluindo Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (temporada de 2009/10).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie raramente é recebida para reabilitação, de modo que há menor conhecimento acerca das técnicas de reabilitação específicas para a espécie.



TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | | | | | | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ⊙ | | | | ⊙ | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ⊙ | | | | ⊙ | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Vulnerável

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)

Não Avaliada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Em Perigo

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Em Perigo

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Em Perigo

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO

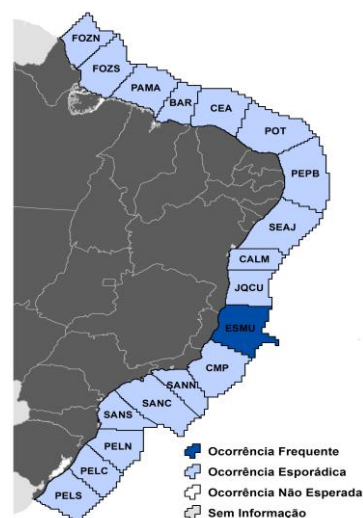
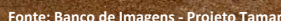
Alta

SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO

Alta



Comprimento curvilíneo da carapaça: 139-182 cm (até 256 cm). Massa corpórea: 500 kg (até 916 kg). A carapaça possui 7 quilhas longitudinais e estão ausentes as placas. Sua coloração é negra com manchas brancas, azuladas e rosadas. A cabeça e as nadadeiras são recobertas de pele, estando ausentes placas ou escudos. A coloração do ventre é similar à carapaça porém com manchas mais claras.

A espécie tem habitat essencialmente oceânico, podendo ser encontrada em alto mar em águas tropicais, subtropicais e temperadas. Capturas incidentais na região oceânica foram registradas na região nordeste e, em maiores proporções, nas costas sudeste e sul do Brasil. Um grande número de capturas ocorre na região do entorno da Elevação de Rio Grande e região do talude, ao largo do sul do Brasil entre o Uruguai e Santa Catarina. Existem registros de captura em redes de deriva na região oceânica na latitude correspondente ao estado de São Paulo e em redes de emalhe costeiras no Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Juvenis e adultos são carnívoros, predando organismos gelatinosos como cnidários (águas-vivas) e ctenóforos encontrados normalmente em zonas pelágicas e também costeiras.

O litoral norte do Espírito Santo é a única área conhecida com desovas regulares no Brasil. Desovas secundárias podem ocorrer no litoral do Piauí. Desovas ocasionais já foram registradas em diversos estados do Brasil: Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Espírito Santo, a temporada de desova vai de setembro a março, com maior número de desovas em novembro e dezembro. As fêmeas desovam à noite e depositam em média 110 ovos por ninho, podendo realizar até 11 desovas numa mesma temporada reprodutiva.

Estima-se que existam cerca de 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. A subpopulação do Brasil é restrita e considerada criticamente em perigo, devido ao pequeno tamanho da população e restrição quanto à distribuição geográfica, além da existência natural de flutuações no número anual de desovas, o que causa grandes variações no número de fêmeas que frequentam as praias a cada ano. No Espírito Santo são registrados, por ano, entre 100 e 200 ninhos, e estima-se que apenas entre 1 e 20 fêmeas desovem a cada temporada.

Animal de grande porte, tem dificuldade em sobreviver em cativeiro mesmo por curtos períodos, devido ao seu tamanho e à fragilidade da composição da sua carapaça (couraça), cabeça e nadadeiras. Particular atenção deve ser dada durante todo o transporte e contenção, em evitar que ocorram cortes e lacerações à carapaça do animal, e em manter a superfície corpórea do animal umedecida durante o transporte.



TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Dermochelyidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | | | | | | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | | | | | | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | | | | | | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | | | | | | | |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | | | | | | | | | | | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | | | | | | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Vulnerável

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Criticamente em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)

Não Avaliada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Em Perigo

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Criticamente em Perigo

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Criticamente em Perigo

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Criticamente em Perigo

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



MASTOFAUNA



BALEIA-JUBARTE

Megaptera novaeangliae

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

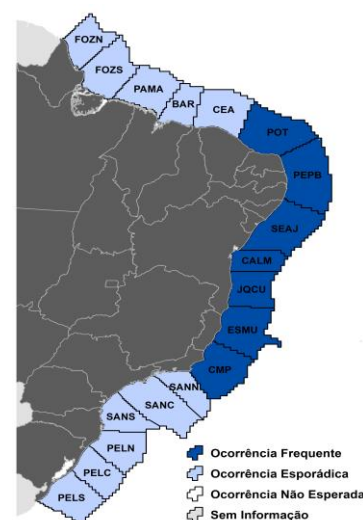
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 12-15 m. Massa corpórea: 25-40 t. Nadadeira peitoral medindo até um terço do comprimento total do animal e nadadeira dorsal que aparenta estar em uma corcova quando a baleia mergulha. 12-36 pregas ventrais que estendem-se até a abertura genital. A região ventral da nadadeira caudal apresenta padrões de coloração individualmente únicos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos pólos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). No entanto, a população do Golfo de Omã é considerada residente. A baleia-jubarte costuma habitar águas rasas nas áreas de reprodução, entre 30 e 50 m de profundidade, e próximas a ilhas ou recifes de coral. Existem registros ocasionais de baleias-jubarte alimentando-se na costa brasileira.

Pode formar grupos cooperativos para capturar as presas e utilizar estratégias de caça elaboradas, como uma rede de bolhas para prendê-las.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e pequenos peixes, como o arenque (*Clupea sp*) e o capelin (*Mallotus villosus*).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. A maioria dos animais concentra-se entre o Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte, com uma área de alta densidade na Bahia. A gestação dura 11-12 meses e o filhote é amamentado por um ano.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 60.000 animais, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Os machos desta espécie utilizam canções elaboradas de sinalização para as fêmeas durante a estação de reprodução. Existem estudos demonstrando que a poluição sonora oriunda de barcos e operações de sísmica interfere no comportamento destes machos cantores, afastando-os de suas áreas. Há também registros de alimentação oportunística durante a temporada de reprodução na costa brasileira.



BALEIA-JUBARTE

Megaptera novaeangliae

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Ceará (CEA) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Potiguar (POT) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Campos (CMP) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Vulnerável

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Vulnerável

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



BALEIA-AZUL

Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

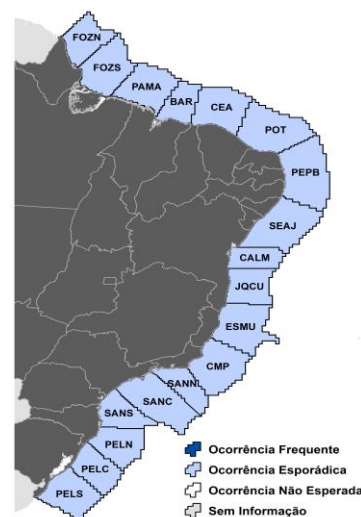
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 27-33 m. Massa corpórea: 110-190 t. Coloração azulada, com o rostro largo e em forma de “U”, e presença de uma única crista dorsal mediana. Apresenta de 64 a 100 pregas ventrais que estendem-se até pouco depois do umbigo. A nadadeira dorsal é pequena e está localizada no último terço do corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). As poucas informações disponíveis para o Brasil sugerem que apresenta hábitos oceânicos na nossa costa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. A gestação dura de 11 a 12 meses, e apenas um filhote é criado a cada dois ou três anos. Este filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-fin (*Balaenoptera physalus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada entre 5.000 e 12.000 animais, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Existem poucos registros da baleia-azul na costa brasileira e tudo indica que esta espécie nunca foi abundante no país. Os registros de sua ocorrência advêm de 2 encalhes no Rio Grande do Sul (em 1955 e 1992) e de 6 animais avistados e/ou capturados por operações baleeiras entre 1948 e 1981 nos litorais da Paraíba e Rio de Janeiro. As rotas e destinos migratórios da espécie são desconhecidos no Atlântico Sul.



BALEIA-AZUL

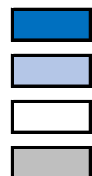
Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

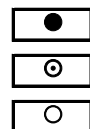
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Campos (CMP) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Criticamente em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



BALEIA-FIN

Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

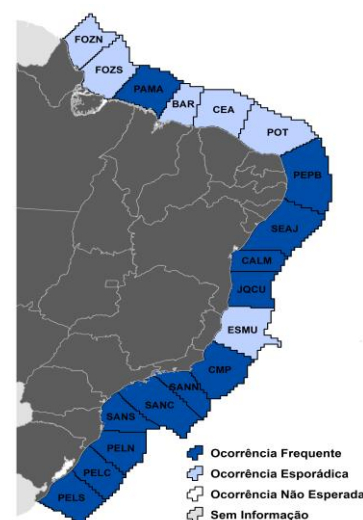
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 20-27 m. Massa corpórea: 50-90 t. Corpo esguio, cinza escuro no dorso e nas laterais e branco na região ventral. Apresenta de 50 a 100 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo e, às vezes, além dele. A coloração na cabeça é assimétrica, sendo cinza do lado esquerdo e branca do lado direito.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos pólos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). No entanto, as populações do Golfo da Califórnia, Mar da China Oriental e Mar Mediterrâneo são consideradas residentes. A baleia-fim pode atingir até 37 km/h e é um dos balenopterídeos mais velozes. No Brasil, a espécie apresenta hábitos oceânicos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. No Hemisfério Sul, os machos tornam-se maduros em torno dos 19 m, quando estão com 6-7 anos de idade, e as fêmeas em torno de 20 m, aos 7-8 anos. A gestação dura aproximadamente 11 meses e o filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-azul (*Balaenoptera musculus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 77.000 animais, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-fim é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira, apesar de ter sido capturada por baleeiros na Paraíba e Rio de Janeiro. Existem registros de encalhe da espécie no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Sergipe e Pará, e animais foram avistados por navios de sismica nas Bacias de Santos e Camamu-Almada. As rotas e destinos migratórios desta população ainda são desconhecidos, mas supõe-se que a espécie migre para a Antártica.



BALEIA-FIN

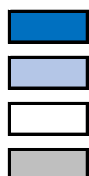
Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

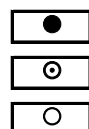
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Campos (CMP) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Criticamente em Perigo

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



BALEIA-SEI

Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

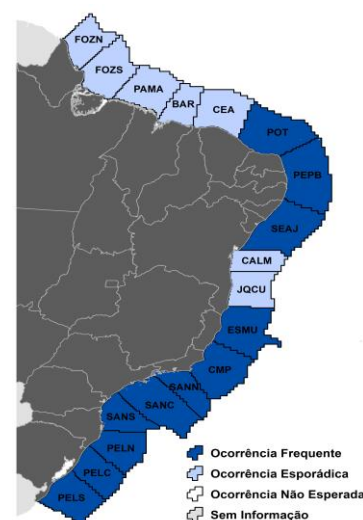
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 17.0-19.5 m. Massa corpórea: 30-40 t. Coloração do corpo cinza-escuro com uma área esbranquiçada no ventre, e nadadeira dorsal alta e falcada. Apresenta de 40 a 65 pregas ventrais que acabam antes do umbigo. Possui apenas uma crista mediana dorsal no rosto, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). Um animal marcado no Mar da Scotia, próximo da Antártica, foi capturado por baleeiros no Rio de Janeiro durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. É uma espécie oceânica, ocorrendo no Brasil em águas com mais de 3.000 m de profundidade.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae), copépodes, pequenos peixes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. Atingem a maturidade sexual aos dez anos, tendo sido observada nas fêmeas uma redução em 2-3 anos após a depleção pela caça comercial. A gestação dura de 11 a 12 meses e o filhote nasce com cerca de 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Estimativas apontam uma população mundial de aproximadamente 80.000 animais, mas há alguns apontam imprecisões nestes números, em parte pela espécie ter sido confundida com a baleia-de-Bryde. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Apesar de ter sido intensamente explorada por baleeiros, a baleia-sei ainda é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira. Há registros de encalhe no Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de avistamentos na Baía de Santos e entre os litorais do Rio Grande do Norte e Alagoas.



BALEIA-SEI

Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Ceará (CEA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Potiguar (POT) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Campos (CMP) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Vulnerável

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



BALEIA-DE-BRYDE

Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

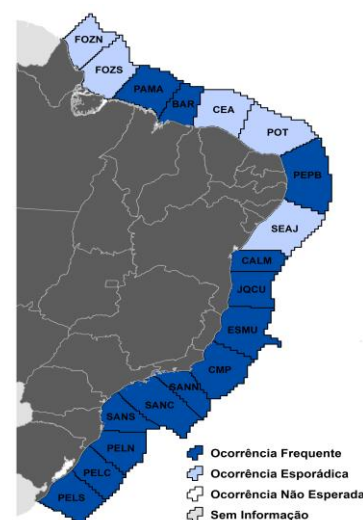
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVOIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 13.0-16.5 m. Massa corpórea: 17-20 t. Coloração cinza-escuro dorsalmente, cinza claro nas partes laterais, e claro ou branco na região ventral. Apresenta de 40 a 70 pregas ventrais que podem alcançar ou ultrapassar a região do umbigo, características que juntamente com as três cristas no rosto auxiliam a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A baleia-de-bryde é o único balenopterídeo que não migra, podendo permanecer na mesma área durante todo o ano, e seus deslocamentos parecem estar associados à abundância de presas. É uma espécie costeira com comportamento bastante críptico e natação veloz, o que dificulta sua observação no mar. No entanto, pode ser comumente avistada no litoral sudeste do Brasil, onde seu comportamento de caça com trocas bruscas de direção e movimentos circulares próximo à superfície é evidente.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, mas também krill (família Euphausiidae), copépodes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Costuma atingir a maturidade sexual quando ultrapassa os 11 metros de comprimento total, entre 8 e 11 anos de idade. A gestação dura entre 11 e 12 meses, seguidos por seis meses de lactação e seis meses de descanso.

POPULAÇÃO

Devido às dúvidas taxonômicas e confusão da espécie com a baleia-sei, não existem estimativas da população mundial desta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A taxonomia da baleia-de-bryde é um assunto complexo e existem dúvidas sobre quantas espécies são reconhecidas. Análises genéticas e morfológicas recentes indicam que *Balaenoptera edeni* e *B. brydei*, esta considerada por muitos anos como sinônimo, podem ser espécies distintas. No entanto, ainda não foram realizados estudos aprofundados sobre o assunto para a costa brasileira, e apenas *B. edeni* tem sua ocorrência reconhecida para o país. A baleia-de-bryde foi capturada por baleeiros no Rio de Janeiro e Paraíba, mas os números são imprecisos devido à confusão da espécie com a baleia-sei.



BALEIA-DE-BRYDE

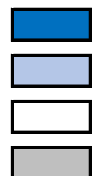
Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Sul (SANS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Norte (PELN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Centro (PELC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Sul (PELS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |

Legenda:

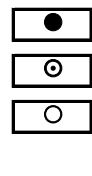


Ocorrência frequente

Ocorrência irregular/esporádica

Ocorrência não esperada

Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução

Animais em reprodução (esporádica)

Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 8.5-10.7 m. Massa corpórea: 7.5-8.5 t. Cabeça estreita e pontuda, com apenas uma crista mediana dorsal. Apresenta de 44 a 47 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo. Nadadeira dorsal relativamente alta e falcada, localizada a um terço da parte posterior do corpo. Ausência de faixa branca bem definida nas nadadeiras peitorais, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas médias e baixas latitudes (nos trópicos). Dois animais marcados na Antártica (62° e 69° S) foram capturados por baleeiros na Paraíba durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. Apesar de ser normalmente avistada próximo à calota de gelo antártica, esta espécie possui hábitos oceânicos durante o período reprodutivo.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de inverno e primavera. Atinge a maturidade sexual aos oito anos, quando as fêmeas estão com 8,1 m e os machos, 7,6 m. A gestação dura 10 meses e o filhote nasce com cerca de 2,8 m, sendo amamentado por 4 ou 6 meses.

POPULAÇÃO

Uma estimativa sugere uma população mundial de aproximadamente 750.000 indivíduos. No entanto, tais números foram questionados recentemente devido à metodologia utilizada nos cruzeiros e novas estimativas em menor escala. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-minke-antártica foi intensamente explorada pela estação baleeira da Paraíba entre 1964 e 1985. Existem registros de encalhes e avistamentos desde o Amapá até o Rio Grande do Sul, mas ainda não há informações que permitam definir o status de conservação desta população atualmente. O efeito da redução da calota de gelo antártica pelas mudanças climáticas sob esta espécie permanece desconhecido, mas tem o potencial de afetá-la seriamente.



BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

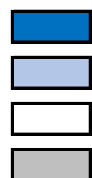
Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

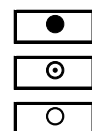
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Ceará (CEA) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Potiguar (POT) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Campos (CMP) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Pará (Lista SECTAM 2006)

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Internacional (CITES 14/09/2014)

Deficiente em Dados

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Apêndice I



CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 12 m (fêmeas), 18.3 m (machos). Massa corpórea: 45 t (fêmeas), 57 t (machos). Esta espécie apresenta o maior dimorfismo sexual entre os cetáceos. A cabeça retangular, com aproximadamente um terço do tamanho total do corpo, e o borrar diagonal tornam o cachalote facilmente identificável no mar. Possui nadadeira dorsal pequena e triangular, coloração variada de preta a marrom, com pequenas regiões brancas ao redor da boca e no ventre. A pele é enrugada a partir da cabeça.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Apenas os machos adultos realizam movimentos migratórios até as altas latitudes, como a Antártica, durante o verão. No entanto, estes movimentos aparentam não ter um padrão tão regular como o dos mysticetos. As fêmeas e juvenis permanecem em grupos nas baixas latitudes (inferiores a 40-50°) o ano todo. Esta espécie habita águas oceânicas, com profundidade mínima de 1.000 m, onde realiza mergulhos de até 1 hora para capturar suas presas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e peixes mesopelágicos e demersais.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As fêmeas atingem a maturidade sexual a partir dos nove anos, com cerca de 9 m de comprimento, e a maturidade sexual dos machos pode ocorrer a partir dos 10 anos, mas são mais ativos sexualmente após os 20 anos. Estes costumam formar haréns e defendê-los ferozmente de outros machos durante a temporada reprodutiva. A gestação dura de 14 a 16 meses, e o filhote nasce com cerca de 3 m. Há uma média de 5 anos entre os nascimentos. Não existem informações sobre sazonalidade reprodutiva para a costa brasileira.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 360.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O cachalote foi intensamente explorado por baleeiros em todo o mundo, incluindo o Brasil, onde existem registros de encalhes e avistamentos para todos os estados litorâneos. Algumas áreas aparentam apresentar concentrações da espécie, como as Bacias de Camamu/Almada (BA), Espírito Santo e Santos (SP), e entre o Chuí (RS) e o Cabo de Santa Marta (SC).



CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Vulnerável

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Vulnerável

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Vulnerável

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Vulnerável

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



ORCA

Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Alta

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 6.5-8.0 m (fêmeas), 7.5-9.8 m (machos). Massa corpórea: 4.5-5.0 t (fêmeas), 7.5-9.0 (machos). A nadadeira dorsal dos machos adultos é alta e triangular, atingindo 1.8 m de altura, enquanto a das fêmeas e machos juvenis é falcada e atinge no máximo 90 cm de altura. Padrão de coloração preto e branco bem definido, com uma mancha elíptica branca pós-ocular e outra branco-acinzentada logo atrás da nadadeira dorsal. A região ventral é branca, estendendo-se da boca até a nadadeira caudal. Nadadeiras peitorais grandes, largas e ovaladas. Possui 10 a 14 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça arredondada e com rosto bastante curto, pouco definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca é o segundo mamífero com maior distribuição geográfica, logo após o ser humano. Pode ser encontrada em todos os oceanos, tanto em águas costeiras como tropicais, mas sua abundância é maior em altas latitudes. Vive em grupos familiares complexos, de base matrilinear, cujo tamanho pode variar de 2 a mais de 50 animais. Ocasionalmente, também são avistados indivíduos solitários.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos, tartarugas-marinhas, aves e outros mamíferos marinhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O período reprodutivo varia entre as populações e ainda não existem informações sobre o assunto para a costa brasileira. Os machos atingem a maturidade sexual por volta dos 15 anos, e as fêmeas, entre os 12 e 16 anos de idade. A gestação dura de 15 a 18 meses, e o filhote nasce com aproximadamente 2 m, ficando dependente da mãe por dois anos. O intervalo entre nascimentos é de aproximadamente 5 anos, e as fêmeas tem em média 5 filhotes viáveis ao longo de 25 anos de vida reprodutiva.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registros de encalhes e avistamentos da espécie para toda a costa brasileira, mas ainda não se sabe se os animais compõem uma ou várias populações. Estudos de monitoramento via satélite demonstraram que orcas da população antártica migram para o Uruguai e sul do Brasil possivelmente por razões fisiológicas relacionadas à temperatura da água. Há registros de interação da espécie com a pesca de espinhel e, inclusive, de um animal capturado acidentalmente e libertado no sul do Brasil. O uso de armas de fogo e arpão para tentar coibir as interações é relatado por pescadores. O manejo desta espécie no cativeiro requer bastante atenção por parte dos tratadores, pois existem casos de ataque e 4 fatalidades registradas neste tipo de ambiente.



ORCA

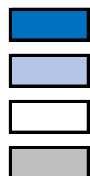
Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

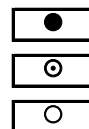
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Pará (Lista SECTAM 2006)

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Internacional (CITES 14/09/2014)

Deficiente em Dados

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Não Listada

Apêndice II



FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 3.3-5.0 m (fêmeas), 3.7-6.0 m (machos). Massa corpórea: 1-2 t. Corpo alongado e esguio, com coloração totalmente preta ou cinza escura. Presença de mancha cinza esbranquiçada na região ventral. Nadadeira dorsal falcada, localizada na metade do dorso, podendo atingir em torno de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, com uma curvatura na borda anterior. Possui de 7 a 12 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça relativamente pequena e estreita, sem rostro definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre predominantemente em águas oceânicas nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas quentes. No Brasil, existem registros de avistamentos e encalhes desde o Ceará até o Rio Grande do Sul. Isto inclui dois encalhes em massa, sendo um no Rio Grande do Sul e outro no Rio Grande do Norte. É uma espécie extremamente sociável e curiosa, formando grupos grandes e que geralmente acompanham embarcações. Há evidências de vínculos de longo prazo entre os indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros cetáceos (incluindo filhotes de grandes baleias).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 8 e 14 anos, e sugere-se que os machos atinjam alguns anos depois. A gestação dura cerca de 15 meses, e o filhote é amamentado por um período que vai de um ano e meio a dois anos.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A falsa-orca interage com a pesca de espinhel e há relatos de sua captura acidental em redes de pesca. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países, como o Japão, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frotas pesqueiras.



FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Sul (SANS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Norte (PELN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Centro (PELC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Sul (PELS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



ORCA-PIGMEIA

Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

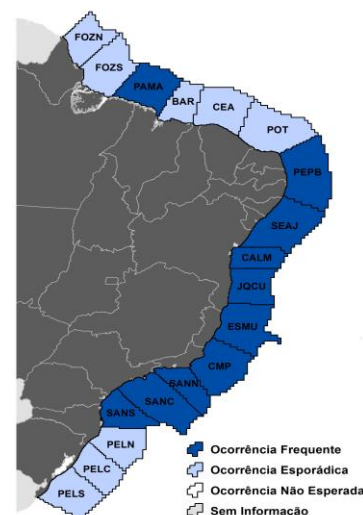
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.4 m (fêmeas), 2.7 m (machos). Massa corpórea: 150-200 kg (fêmeas), 170-222 kg (machos). Coloração do corpo preta, preta-azulada ou cinza-escura, com mancha frequentemente branca na boca, que não possui rostro definido. Esta mancha pode estender-se em linha até a região do umbigo. Nadadeira dorsal alta, falcada e posicionada no centro do dorso, alcançando cerca de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais alongadas, medindo entre 40 e 50 cm, e arredondadas nas extremidades. Possui de 8 a 12 pares de dentes na maxila e de 10 a 13 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca-pigmeia aparenta ser rara em toda a sua distribuição, que é basicamente tropical. Isto somado aos seus hábitos oceânicos e o comportamento de geralmente evitar embarcações, torna difícil a obtenção de informações sobre a espécie. Estudos feitos no Havaí sugerem que os vínculos entre indivíduos do grupo são fortes e estáveis, e que os animais apresentam alta fidelidade a algumas áreas ao redor de ilhas oceânicas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros pequenos cetáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução e não há dados que permitam verificar idade de maturação sexual ou padrões de sazonalidade.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

No Brasil, existem apenas três registros de encalhes nos estados do Maranhão, São Paulo e Rio de Janeiro, e seis registros de avistamentos no Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Há ainda um registro de captura acidental no litoral de São Paulo. O número pequeno não permite constatar padrões de sazonalidade na sua ocorrência. Orcas-pigmeias mantidas por um curto período de tempo em cativeiro no Japão, Havaí e África do Sul, demonstraram ter um comportamento agressivo com relação às outras espécies de cetáceos. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países asiáticos e caribenhos, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frotas pesqueiras.



ORCA-PIGMEIA

Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-CURTAS

Globicephala macrorhynchus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Média

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.1-5.5 m (fêmeas), 5.3-7.2 m (machos). Massa corpórea: 2.0-3.6 t. Coloração do corpo variando de preto a cinza-escuro, com a cabeça sem rosto definido e melão grande e bulboso. A nadadeira dorsal está localizada próxima à cabeça e é grande, mas relativamente baixa, com a base ampla e a borda posterior falcada. As nadadeiras peitorais são delgadas, longas e em formato de foice. Uma tênue mancha cinza pode ser visível logo atrás da nadadeira dorsal e uma linha longitudinal cinza se estende desde a garganta até a região genital. Possui de 7 a 9 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que ocorre principalmente em águas tropicais e temperadas quentes além do talude continental. No Brasil, há registros de avistamentos ou encalhes desde o Pará até São Paulo, incluindo ilhas oceânicas como São Pedro e São Paulo e Fernando de Noronha. Vivem em grupos de 12 a 230 indivíduos, com base matrilinear e onde os machos se dispersam do grupo natal na idade adulta. Pode realizar mergulhos profundos para caçar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e, em menor quantidade, peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estudos mostram que existem diferenças no período reprodutivo entre as populações, mas esta informação ainda não é conhecida para o Brasil. As fêmeas atingem a maturidade sexual aos 9 anos, e os machos, entre 13 e 16 anos. A gestação dura de 15 a 16 meses e o filhote é amamentado por 3 anos. Este fica sob os cuidados da mãe por 13 ou 15 anos, sendo o cuidado parental mais longo já registrado entre os cetáceos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial, mas a espécie aparenta ser abundante. No leste do Pacífico tropical, foram estimados 589.000 indivíduos. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie é mantida em cativeiro nos Estados Unidos e Japão, apesar de apresentar altas taxas de mortalidade. A baleia-piloto-de-peitorais-curtas também é alvo de captura intencional em alguns países asiáticos e caribenhos. Há um registro de ataque de um macho desta espécie a uma mergulhadora no Havaí.



BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-CURTAS

Globicephala macrorhynchus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



GOLFINHO-NARIZ-DE-GARRAFA

Tursiops truncatus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.4-3.9 m. Massa corpórea: 250-500 kg. Os machos são ligeiramente maiores do que as fêmeas. Apesar de haver grande variação geográfica na forma do corpo e das nadadeiras, assim como na coloração, *Tursiops truncatus* possui um corpo robusto, rosto curto e largo, com a maxila ligeiramente mais curta que a mandíbula. Presença de uma prega bem definida separando o rosto do melão. Coloração do corpo geralmente acinzentada-escura na porção dorsal e gradativamente mais clara em direção ao ventre, mas sem uma demarcação nítida entre os elementos. Nadadeira dorsal alta e falcada, posicionada no centro do dorso. Possui de 18 a 27 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui ampla distribuição, sendo encontrado em habitats estuarinos, costeiros e oceânicos de águas temperadas e tropicais. Há registros de encalhes ou avistamentos para toda a costa brasileira. É uma espécie com grande plasticidade comportamental, apresentando variações inter e intrapopulacionais no comportamento, mas costuma viver em grupos que podem variar de 20 até centenas de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos atingem a maturidade sexual entre 8 e 12 anos, e as fêmeas, entre 6 e 14 anos de idade. A gestação dura aproximadamente 12 meses e as fêmeas dão à luz a apenas um filhote por ciclo reprodutivo. O intervalo médio dos nascimentos varia de 3 a 4 anos. As populações dos estuários no sul do Brasil apresentam uma sazonalidade reprodutiva bem definida, com os nascimentos ocorrendo no final da primavera e verão.

POPULAÇÃO

População mundial estimada no mínimo em 600.000 animais, mas com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A taxonomia do gênero *Tursiops* é algo complexo e há indícios de que haja outra espécie, *T. gephyreus*, no sudeste e sul do Brasil. No entanto, esta ainda não se encontra formalmente reconhecida e é considerada no momento como sinonímia ou subespécie de *T. truncatus*. A espécie adapta-se bem ao cativeiro, sendo o cetáceo mais comum neste tipo de ambiente, e esta é uma das razões de ser alvo de captura intencional em alguns países, como Rússia e Japão.



GOLFINHO-NARIZ-DE-GARRAFA

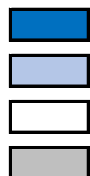
Tursiops truncatus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

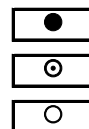
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Sul (SANS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Norte (PELN) | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Centro (PELC) | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Sul (PELS) | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Menor Preocupação

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Deficiente em Dados

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Flavia Carnelli



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.2 m. Massa corpórea: 65-121 kg. Coloração do corpo cinza, variando em tonalidades do claro ao escuro, com duas faixas laterais de coloração bem mais clara que a região dorsal do corpo. Ventre cinza-pálido ou branco, com tonalidade rosada acentuada em filhotes e juvenis. Corpo pequeno e compacto, com nadadeira dorsal pequena e triangular localizada no centro do dorso. Cabeça com rostro bem definido, estreito e ligeiramente alongado, sendo a mandíbula pouco maior do que a maxila. Possui de 30 a 36 pares de dentes na maxila e de 24 a 38 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre desde Honduras até a Baía Norte de Florianópolis, em Santa Catarina, Brasil. Habita águas costeiras, geralmente até a isóbata de 20 m, e normalmente é encontrado em baías e estuários. O ponto de avistamento mais longínquo da costa registrado está no Banco dos Abrolhos, Bahia, devido às águas rasas pelo alargamento da plataforma continental. Possui comportamento arisco, evitando aproximar-se de embarcações, e vive em grupos cujo tamanho normalmente varia de 2 a 60 animais. Há registro de agregações com centenas de indivíduos nas Baías de Sepetiba e Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos atingem a maturidade sexual aos 7 anos e com aproximadamente 1,75 m de comprimento, e fêmeas, aos 6 anos com 1,65 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com cerca de 90 cm, sendo amamentado por 9 meses. O ciclo reprodutivo é de 2 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas há evidências de declínio em algumas populações ao longo da costa brasileira. Na Baía de Guanabara, por exemplo, a população declinou de 400 animais estimados em 1991 para cerca de 40 atualmente. A tendência populacional da espécie no Brasil é considerada em declínio, mas é desconhecida no âmbito mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Sotalia guianensis era considerado ecótipo marinho de *S. fluviatilis* até o início do século XXI, quando análises genéticas e morfológicas demonstraram a distinção entre as duas espécies e permitiram datar tal divergência em cerca de 5 milhões de anos atrás. *S. guianensis* é mantida em cativeiro na Colômbia, mas a espécie apresenta baixa adaptabilidade a este tipo de ambiente. Existem evidências de captura intencional desta espécie no litoral norte e nordeste do Brasil.



BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Sul (SANS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Vulnerável

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Quase Ameaçada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Quase Ameaçada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Vulnerável

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Vulnerável

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.9-2.3 m. Massa corpórea: 120-143 kg. O padrão de coloração possui três elementos distintos, sendo cinza-escuro no dorso, cinza-claro nos flancos e branco no ventre. O corpo apresenta pintas que vão surgindo conforme o crescimento do animal. Cabeça com rostro bem definido, robusto e ligeiramente comprido. O melão é bem demarcado do rostro. Os lábios e extremidade do rostro são brancos nos adultos. Nadadeira dorsal alta, falcada e com base larga, posicionada no centro do dorso. Possui de 32 a 42 pares de dentes na maxila e de 30 a 40 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica do oceano Atlântico, habitando águas costeiras e oceânicas de regiões tropicais e temperadas quentes. Existem duas populações na costa brasileira, isoladas por um hiato de 1.500 km entre os estados da Paraíba e Espírito Santo. Tende a formar grupos numerosos, de até 250 indivíduos, e pode associar-se com outras espécies, como o golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e o golfinho-rotador (*Stenella longirostris*). Costuma ser curioso e se aproxima de embarcações.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estima-se que as fêmeas atinjam a maturidade sexual entre 8 e 15 anos de idade. Tal informação ainda não é conhecida para os machos. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote mede entre 0,76 e 1,2 m ao nascer. O cuidado parental pode perdurar por até 5 anos, e o intervalo médio dos nascimentos é de 3 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas levantamentos sugerem que o golfinho-pintado-do-Atlântico é a espécie do gênero *Stenella* mais avistada nas Bacias de Campos (RJ) e de Santos (SP). Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Stenella plagiodon é uma sinonímia para esta espécie. O golfinho-pintado-do-Atlântico é extremamente sensível ao cativeiro e nunca foi mantido com sucesso. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países caribenhos.



GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | | | | | | | | | | | | |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Campos (CMP) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Norte (SANN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Centro (SANC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Santos - Sul (SANS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Norte (PELN) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Centro (PELC) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |
| Pelotas - Sul (PELS) | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Deficiente em Dados

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.3 m. Massa corpórea: 60-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escura iniciando-se na porção superior da cabeça e cobrindo todo o dorso. Possui outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do olho sobre os flancos, e uma faixa branca que se inicia na mandíbula e termina logo após a região genital. Corpo esguio com rostro longo, estreito e bem definido. A nadadeira dorsal é triangular e levemente falcada na porção posterior, posicionada no centro do dorso. Possui de 40 a 65 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre em águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos, entre 40°N e 40°S. Tem hábito pelágico, com preferência por ilhas oceânicas. No Brasil, provavelmente ocorre por toda a costa, com registros de avistamentos ou encalhes desde o Pará até o Rio Grande do Sul, e nas ilhas de Fernando de Noronha, Atol das Rocas e São Pedro e São Paulo. Possui um amplo repertório de atividades aéreas e formam grandes grupos sem uma estrutura fixa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A população brasileira aparenta ter padrão reprodutivo difuso, porém com dois picos de nascimentos: um em abril-maio e outro em setembro-outubro. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 4 e 7 anos, medindo de 1,65 a 1,70 m, e os machos, entre 7 e 10 anos, com comprimento de 1,60 a 1,80 m. A gestação dura, em média, 10,5 meses e o período de amamentação estende-se por aproximadamente 3 anos. O intervalo dos nascimentos varia de 3,3 a 3,9 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Houve tentativas de manter a espécie em cativeiro, mas estas fracassaram devido à extrema sensibilidade do golfinho-rotador a este tipo de ambiente. A espécie é alvo de captura intencional na África, Caribe e Sudeste Asiático, e também é afetada pela pesca de atuns com espinheis na região oceânica do nordeste, a pesca de emalhe na região sudeste e a pesca de arrasto e o turismo náutico em Fernando de Noronha. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também representa uma potencial ameaça.



GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Deficiente em Dados

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.0 m. Massa corpórea: 70-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escura no dorso que arredonda-se abaixo da nadadeira dorsal, outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do rosto sobre os flancos e ventre branco, que pode apresentar tonalidades rosadas. Rostro bem definido, ligeiramente comprido e com extremidade e lábios pretos. Nadadeira dorsal alta e levemente falcada ou triangular, localizada no centro do dorso. Possui de 39 a 52 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica das águas tropicais e subtropicais do oceano Atlântico, e pode ser encontrada tanto sobre como além da plataforma continental. No Brasil, ocorre provavelmente em toda a costa e há registros de avistamentos ou encalhes desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul. No entanto, é mais comum na região nordeste. São animais ativos, que costumam acompanhar embarcações e vivem em grandes grupos, que podem conter até 200 indivíduos. Estes grupos parecem ser segregados por sexo e idade. Às vezes, associa-se com golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*) e golfinhos-comuns (*Delphinus delphis*).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução. Machos e fêmeas atingem a maturidade sexual com 1,8 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas a espécie não é abundante. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há relatos da interação da espécie com a pesca a partir de registros de indivíduos presos em rede de deriva no sudeste do Brasil, entretanto, esses são escassos e podem não apresentar um grande risco à espécie. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também pode representar uma ameaça. O golfinho-clímene é ocasionalmente capturado de forma intencional no Caribe e oeste da África.



GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal são pequenas. Coloração do corpo variando entre preto a azul-acinzentado, clareando na região ventral. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal pequenas. Cabeça retangular, mais cônica em jovens, e há presença de um falso opérculo logo atrás dos olhos. Possui de 12 a 16 pares de dentes pontiagudos na mandíbula e raramente apresenta dentes nas maxilas. Diferenciação de *Kogia* sima é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-pigmeu em vida livre. Costumam ser avistados em duplas ou solitários, e o maior grupo registrado continha 6 indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. Na África do Sul, o acasalamento parece ocorrer de abril a setembro e os nascimentos, entre março e outubro. Atinge a maturidade sexual aos 5 anos de idade e os filhotes nascem com aproximadamente 1,2 m de comprimento, após uma gestação de 11 meses.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A maior parte das informações sobre esta espécie advém de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. Existem registros de encalhe para a costa brasileira desde o Rio Grande do Sul até o Ceará. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-pigmeu é alvo de captura intencional em alguns países.



CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Coloração do corpo variando entre negro a azul-acinzentado, clareando na região ventral, onde se observa uma coloração branco-acinzentada, e às vezes rósea. Nadadeiras peitorais pequenas, posicionadas bem próximo do corpo e localizadas perto da cabeça. A nadadeira dorsal é alta, mais que 5% do comprimento do corpo, e mais próxima do centro do dorso do que em *K. breviceps*. Possui de 7 a 12 pares (raramente mais de 13) de dentes pontiagudos na mandíbula. Raramente apresenta dentes nas maxilas porém em alguns casos pode apresentar mais de três dentes vestigiais. Diferenciação de *Kogia breviceps* é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Os registros de encalhes sugerem que o cachalote-anão apresenta uma distribuição mais tropical do que o pigmeu (*K. breviceps*). Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-anão em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 anos de idade e 2,15 m de comprimento, e os machos com 2,9 anos e 1,97 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com aproximadamente 1,2 m.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial, mas uma estimativa para o leste do Pacífico tropical sugere cerca de 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Kogia simus é considerada uma sinonímia para esta espécie. Uma análise genética recente sugere a existência de pelo menos duas espécies distintas de cachalote-anão: uma no oceano Atlântico e outra no Indo-Pacífico. No entanto, esta análise não incluiu nenhuma amostra proveniente de animais da costa do Brasil ou sudoeste do Atlântico, portanto o *status* taxonômico do cachalote-anão no Brasil é ainda desconhecido. As informações advêm de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. No Brasil, são conhecidos encalhes da espécie desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-anão é alvo de captura intencional em alguns países.



CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

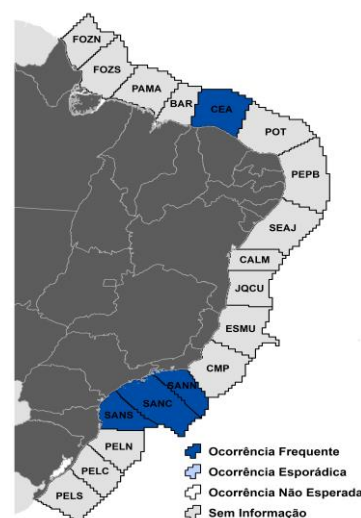
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.2-5.2 m. Massa corpórea: 600-1200 kg. As fêmeas são ligeiramente maiores do que os machos. Corpo fusiforme com coloração cinza-escuro no dorso e metade posterior do flanco. Região ventral cinza-esbranquiçada. Cabeça pequena com rostro bem definido e relativamente longo, mas com pouca demarcação do melão. Nadadeira dorsal pequena, triangular e ligeiramente falcada, posicionada a cerca de dois terços do comprimento total. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam em uma leve depressão no flanco. Possui um par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, encontrada nas águas tropicais e temperadas quentes do oceano Atlântico. Era considerada uma espécie endêmica do hemisfério norte até pouco tempo atrás, quando houve o registro de 3 encalhes para a costa brasileira, sendo 2 no Ceará e 1 em São Paulo. Por se tratar de um animal pelágico e que evita a aproximação de embarcações, pouco se sabe sobre a baleia-bicuda-de-Gervais em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre a sua reprodução. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Análises de conteúdos estomacais indicam a ingestão de plásticos, sugerindo uma ameaça em potencial. O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.



BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Barreirinhas (BAR) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Ceará (CEA) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Potiguar (POT) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Camamu-Almada (CALM) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Campos (CMP) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Norte (SANN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Centro (SANC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Santos - Sul (SANS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Norte (PELN) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Centro (PELC) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |
| Pelotas - Sul (PELS) | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ |

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/esporádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (esporádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Deficiente em Dados

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice II



PEIXE-BOI-MARINHO

Trichechus manatus

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

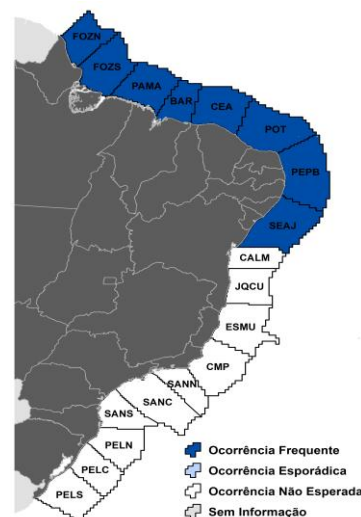
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEL

Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.5 m. Massa corpórea: 600 kg. Corpo de formato fusiforme, dorso ventralmente achatado, com coloração acinzentada à marrom. Possui duas nadadeiras peitorais e uma nadadeira caudal com formato arredondado. As nadadeiras peitorais são curtas e possuem quatro unhas, característica que os distingue do peixe-boi-amazônico (*Trichechus inunguis*).

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre desde a Flórida, nos Estados Unidos, até o estado de Alagoas, no Brasil. É considerado extinto na natureza no Espírito Santo e Bahia. No entanto, sua distribuição é descontínua, com um hiato no litoral norte do Rio Grande do Norte. Habita manguezais, estuários, águas costeiras rasas e pode frequentar até rios. Costumam ser observados solitários, podendo formar agregações durante a reprodução e em refúgios de águas quentes (nos Estados Unidos).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de plantas aquáticas e semi-aquáticas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No cativeiro, atingem a maturidade sexual entre os 3 e 4 anos, mas só se reproduzem com sucesso entre 5 e 8 anos de idade. A gestação dura 13 meses e costuma nascer um único filhote, com raros casos de gêmeos. O filhote mede aproximadamente 1,30 m ao nascer e o período de amamentação é de 2 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas a nível mundial, mas estima-se que a população brasileira seja de aproximadamente 500 indivíduos. A diversidade genética é baixa e não se sabe exatamente qual o nível de isolamento dos indivíduos ao longo da costa. Sua tendência populacional é em declínio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registro de híbridos com o peixe-boi-amazônico (*T. inunguis*). Esta é vulnerável à perda e degradação do habitat, atropelamentos por embarcações velozes, e também é alvo de captura intencional na América Central, Caribe e costa norte da América do Sul (incluindo o Brasil). O peixe-boi-marinho é mantido com sucesso em cativeiro, e existem animais criados e reintroduzidos no habitat natural ao longo de sua área de ocorrência, incluindo o Brasil.



PEIXE-BOI-MARINHO

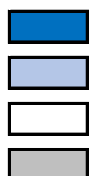
Trichechus manatus

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

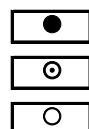
SAZONALIDADE

| Unidades Geográficas | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-----------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Foz do Amazonas - Norte (FOZN) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Foz do Amazonas - Sul (FOZS) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Pará-Maranhão (PAMA) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Barreirinhas (BAR) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Ceará (CEA) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Potiguar (POT) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Pernambuco-Paraíba (PEPB) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ) | ● | ● | ● | ● | | | | | ● | ● | ● | ● |
| Camamu-Almada (CALM) | | | | | | | | | | | | |
| Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU) | | | | | | | | | | | | |
| Espírito Santo-Mucuri (ESMU) | | | | | | | | | | | | |
| Campos (CMP) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Norte (SANN) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Centro (SANC) | | | | | | | | | | | | |
| Santos - Sul (SANS) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Norte (PELN) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Centro (PELC) | | | | | | | | | | | | |
| Pelotas - Sul (PELS) | | | | | | | | | | | | |

Legenda:



Ocorrência frequente
Ocorrência irregular/esporádica
Ocorrência não esperada
Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução
Animais em reprodução (esporádica)
Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Vulnerável

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Em Perigo

Pará (Lista SECTAM 2006)

Criticamente em Perigo

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I